

Imagens da Amazônia na literatura juvenil portuguesa contemporânea

Representations of Amazonia in Contemporary Portuguese Children's Literature

GLÓRIA BASTOS¹

MARIA DA CONCEIÇÃO TOMÉ²

RESUMO: O estudo da imagem e representação do Outro na literatura para os mais novos torna-se um campo de investigação especialmente importante tendo em conta os seus destinatários preferenciais e a função de socialização cultural que a literatura assume. Através do contato com as imagens sociais e culturais do Outro presentes nos livros, os jovens vão criando em si a disponibilidade para um efetivo diálogo com outras culturas, adquirindo, através da leitura, novas formas de ver o mundo e de dialogar com o Outro. Neste artigo analisamos as representações da Amazônia e dos seus habitantes em livros portugueses para jovens. Identificam-se as visões socioculturais e valores ideológicos transmitidos por essas imagens e reflete-se sobre a forma como estas figurações contribuem (ou não) para a (des)construção de estereótipos e preconceitos e para a descoberta do Outro de além-mar.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura juvenil portuguesa; representações; Amazônia.

1. Universidade Aberta; Lisboa/Portugal. Professora no Departamento de Educação e Ensino a Distância; Coordenadora do mestrado em Gestão da Informação e Bibliotecas Escolares. Áreas de trabalho: Didática da literatura/promoção da leitura; Bibliotecas Escolares; literatura para crianças e jovens. Investigadora no CEMRI — Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais. *E-mail:* gloria@uab.pt.
2. Universidade Aberta; Lisboa/Portugal. Professora Bibliotecária. Áreas de trabalho: bibliotecas escolares e literatura para crianças e jovens. Doutoranda em Estudos Portugueses e Investigadora no CEMRI — Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais. *E-mail:* sao.dinis@gmail.com.

ABSTRACT: The study of the representations of the Other in literature for young people becomes an important research field especially taking into account the characteristics of young readers and the socialization and cultural role that literature assumes. Through the contact with the social and cultural images of the Other presented in books, young people become available for an effective dialogue with other cultures, acquiring, through reading, new ways of seeing the world and dialoguing with the Other. This article examines the representations of Amazonia and its inhabitants in Portuguese books for young people. We have identified socio-cultural visions and ideological values transmitted by these images and have reflected on how these portraits contribute (or not) for the (de)construction of stereotypes and prejudices and for the discovery of the Other living overseas.

KEYWORDS: Portuguese children's literature; representations; Amazonia.

INTRODUÇÃO

A literatura, de forma geral, constitui-se como “[...] o lugar, por excelência, no qual se enuncia o encontro com o *Outro*, no *Aqui* e no *Alhures*” (MARTINS, 2004, p.10). O estudo da imagem e representação do Outro na literatura para os mais novos torna-se, neste contexto, um campo de investigação especialmente importante tendo em conta os seus destinatários preferenciais e a função de socialização cultural que a literatura assume. De acordo com Colomer (1999, p.121), desde a segunda guerra mundial um dos valores primordiais da literatura infantil e juvenil é fomentar o conhecimento e o respeito pelas outras raças e culturas.

Nesse âmbito, vários investigadores portugueses têm igualmente demonstrado a importância da literatura infanto-juvenil para o desenvolvimento de atitudes de respeito, compreensão e aceitação das diferenças culturais e étnicas (conferir, por exemplo, GOMES, s.d.; BALÇA, 2007; TOMÉ & BASTOS, 2010). Geralmente, são sobretudo os livros informativos e as obras de ficção traduzidas que promovem a abertura a outros países e outras culturas. No entanto, como bem sublinha Gomes (s.d., p.10), “[...] a seu modo, também a novela e o romance juvenil podem concorrer para o despertar da curiosidade e experiências de vida noutros países ou para meditação sobre problemas como o racismo ou a inadaptação social provocada pelo choque entre culturas”. Os livros de ficção para crianças e jovens, porque se constituem como um lugar de cruzamento de olhares do leitor com a alteridade e outras culturas e formas de ver o mundo, podem assim contribuir para o desenvolvimento de atitudes e comportamentos de acolhimento do Outro e de respeito pelas diferentes culturas.

Partindo desse contexto, iremos analisar as representações da Amazônia³ e dos seus habitantes presentes em três livros para adolescentes/jovens, escritos por autores portugueses: procuramos verificar quais as visões socioculturais e valores ideológicos transmitidos por essas imagens e refletir sobre a forma como estas figuras contribuem (ou não) para a (des)construção de estereótipos e preconceitos e para a descoberta dum Outro de além-mar. Os livros em estudo são os seguintes: *Perdidos na Amazônia* (da coleção “Os Super4”), de António Avelar de Pinho e Pedro de Freitas Branco, publicado em 1995, e dois livros editados já no novo milênio — *Bia & Fred na Amazônia* (2007, da coleção “Bia & Fred”), de Marta Gomes, Nuno Bernardo e David Carronha e *Uma aventura na Amazônia* (2009, da coleção “Uma aventura”) de Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada. Esses livros pertencem a coleções/séries de aventura e mistério e, como salienta Blockeel (2001, p.229), pela própria natureza do gênero de aventuras, é sobretudo nesse tipo de obras que se avança para o desconhecido.

Os protagonistas do livro *Uma aventura na Amazônia*, um dos últimos volumes da série de aventuras com maior popularidade no mercado editorial português, viajam até Manaus, acompanhando a mãe de duas das figuras centrais, que trabalha numa agência de viagens e está a organizar um congresso médico nessa cidade amazônica. Na Amazônia, perdidos, os jovens heróis (três rapazes e duas moças) vivem uma aventura empolgante, ao encontrarem uma tribo índia que vive isolada e ao ajudarem-na a defender-se de um grupo de bandidos candongueiros, que descobrem que os índios possuem pepitas em ouro, consideradas objetos sagrados para a tribo. Por sua vez, os quatro protagonistas de *Perdidos na Amazônia* viajam para o Brasil para participarem num encontro internacional da UNICEF, a convite de uma personalidade brasileira do mundo artístico: Renato Aragão⁴. É nessa região que vivem uma grande aventura, que se cruza com a história do capitão Fawcett, o célebre explorador britânico que desapareceu misteriosamente na Amazônia. Em relação ao livro *Bia & Fred na Amazônia*, privilegia-se a ação e a interação do leitor com o livro, articulando leitura e jogo, com momentos em que os leitores são inter-

3. Na revisão deste texto optou-se por adequar a redação para o português do Brasil, exceto nas citações e nos títulos das obras, obviamente. Por isso teremos as duas grafias, *Amazónia* e *Amazônia*, por exemplo, no artigo. Nota da revisão.

4. Os autores do livro, também roteiristas, esclarecem, numa nota prévia, o encontro real com Renato Aragão, aquando da preparação do programa “Os Trapalhões em Portugal” (1995-1997), que teria motivado a escrita desta aventura de “Os Super4”.

pelados diretamente para resolverem alguns enigmas. Escrito em forma de diário, as duas personagens centrais, Beatriz e Frederico, são responsáveis pelo relato na primeira pessoa, registrando-se, de forma alternada, a voz e o ponto de vista de cada narrador/protagonista (nem sempre coincidente), graficamente reconhecível pelo tipo de letra⁵.

REPRESENTAÇÕES DA AMAZÔNIA NA LITERATURA JUVENIL PORTUGUESA

Em primeiro lugar, importa referir que a ação desses três livros se desenrola em plena Floresta Amazônica, mais concretamente na região de Manaus (o “coração da Amazônia”, como se pode ler em *Uma aventura...*, p. 21). Desde o contato inicial com o livro (através dos títulos e ilustração das capas), o jovem leitor (europeu) é remetido para um espaço que transporta consigo uma significativa carga de mistério: associado ao *topos* da viagem, que geralmente implica a noção de aventura, própria à natureza destes livros, encontramos um ambiente marcado pela expectativa do exotismo, sendo, sobretudo, pela “enciclopédia” esperada destes leitores, o espaço onde “the wild things” vivem. Antecipam-se assim, por esta localização da ação num espaço já carregado de “significados”, histórias fortemente marcadas pela diferença e pela descoberta.

A floresta exuberante

Em *Perdidos na Amazônia* e *Uma aventura na Amazônia*, ressalta de imediato o fato de ambos os livros se referirem à Amazônia como um espaço geográfico imponente e de rara beleza. A Amazônia é considerada a “maior floresta do planeta” (*Uma aventura...*, p.08), “um lugar mágico” (p.202), o único sítio do mundo onde existem índios “[...] que vivem isolados e não sabem onde existem outros povos na Terra” (p.08-09), “um lugar como não há outro no mundo” (p.76), “uma força imensa e intocável” (*Perdidos...*, p.77). Nesses elementos descritivos, o espaço surge como algo superlativo, causando sentimentos de estranheza pela desmesura que o caracteriza, mas também destacando o seu caráter singular e exclusivo. É essa singularidade que os vocábulos utilizados na descrição mais sublinham.

5. Este livro tem a particularidade de ir apresentando pistas para os leitores descobrirem as letras que compõem a palavra-chave que, após ser inserida no sítio Web da coleção (entretanto desativado, com o fim da série), de acordo com informação presente no livro (p.14), permitirá evitar a “destruição” da Floresta Amazônica.

Em *Bia & Fred na Amazônia*, o texto dá primazia à ação e ao diálogo entre as personagens, contextualizando-se espacialmente de forma breve os acontecimentos. As referências ao espaço onde se desenrola a ação são assim ocasionais e pouco elaboradas: começamos por saber, pela informação disponibilizada no prefácio, que os protagonistas e a família alargada (pais, tios e um primo) vão à Amazônia e que a tia ficou encantada quando viu as fotografias de um hotel no meio da selva chamado “Juma” (que existe realmente). Ao longo da narrativa, registra-se a passagem por Belém (p.34), Parintins (p.61) e Manaus (p.99), mas as descrições relativas ao espaço são parcas e remetem essencialmente para os monumentos e, esporadicamente, para a floresta, privilegiando-se neste livro, desta forma, o espaço “civilizado” em detrimento do espaço “natural”. Com efeito, assinalam-se apenas os seguintes apontamentos descritivos relativos à natureza, breves e elementares em termos lexicais, se considerarmos a exuberância do espaço onde decorre a ação: “árvores, arbustos e ervas daninhas” (p.70), “beleza natural da paisagem” (p.95); “Afinal não são só árvores e animais naquela zona. A Amazônia está recheada de monumentos históricos” (p.103); e “O céu em tons de laranja e vermelho dava à floresta uma cor dourada. Um cenário único. Estávamos todos abismados!” (p.128). Curiosamente, a capa do livro parece fornecer mais informação aos leitores sobre a selva amazônica do que toda a narrativa.

Nos outros dois livros, a floresta Amazônica é descrita de forma mais ampla, fazendo-se jus à sua suntuosidade e grandeza. Procura-se, através de alguns relatos elaborados com um certo pormenor e detalhe na exposição, dar ao leitor uma imagem da sua diversidade e singularidade. Os recursos utilizados fundamentam-se na adjetivação (com vários graus) e em processos comparativos, associados ao visualismo da linguagem, de forma a construir descrições que suscitem as já referidas sensações de admiração e de desmesura, mas simultaneamente de encantamento, face à paisagem que as personagens observam. Ao mesmo tempo, são descrições que assumem uma certa dimensão subjetiva e psicológica, em consonância com as aventuras vividas pela personagens — é assim que se fala de “mistérios e tesouros” ou se reflete na paisagem o medo sentido pelos protagonistas:

Árvores de troncos finíssimos aos milhares, com as copas tão próximas que se enfiavam umas nas outras, quase todas suportando verdadeiras cortinas de plantas trepadeiras, umas em forma de cordas achatadas, outras farfalhudas como escovas, outras com flores e folhas muito lisas e brilhantes. (*Uma aventura...*, p.136).

Árvore tão alta como uma torre e tão grossa que só dez ou doze homens com os braços esticados conseguiriam abraçá-la. (idem, p.164).

À medida que se afastavam alongavam a vista sobre o gigantesco maciço de verdura cortado pela rede labiríntica de mil rios às curvas. Uma floresta tão bela, tão cheia de vida, não podia deixar de esconder mistérios e tesouros. (idem, p.208).

A paisagem que deslizava debaixo de nós era de tal modo esmagadora e deslumbrante, que nada mais contou a partir de então. [...] estávamos a sobrevoar um espesso tapete verde, interrompido aqui e ali por pequenos afluentes. [...] rasando a copa de árvores gigantescas. Um bando de araras e tucanos assustou-se e manchou o céu de cores ber-rantes e alegres. (*Perdidos...*, p.58-59).

Tão vaga quanto a própria luz do Sol, que em muitos pontos da floresta, em milhões e milhões de anos, nunca terá tocado o solo, de tal modo é denso o arvoredo. No entanto, o calor é irrespirável. A humidade sufocante. A penumbra assustadora. (idem, p.68).

A paisagem era esmagadora. Um cenário perfeito. Capaz de incendiar a nossa imaginação. Só em sonhos é possível haver coisas assim. Vou repetir-me, mas quero lá saber: era o Paraíso. Um paraíso a perder de vista. (idem, p.92).

A alusão à fauna da selva amazônica acontece também em ambos os livros citados, fazendo-se menção a vários animais e plantas, muitas vezes designados por vocábulos cuja sonoridade peculiar só por si contribui para evocar um outro espaço e o seu exotismo. Para os animais temos: piranha, jacaré, anaconda, preguiça (*Perdidos na Amazônia*); pássaros espantosos, botos, onças, jabuti, uacari (*Uma aventura na Amazônia*). Do mesmo modo, no que diz respeito às plantas, os leitores ficam a conhecer o nome de algumas, especialmente no segundo volume mencionado, como graviola, jenipapo, tucumã, cipós.

Esses livros servem, assim, também de veículo para transmitir conhecimento e aprendizagens, na linha dos livros de viagens aventurosas que têm caracterizado desde sempre uma parte da literatura para os mais novos⁶. Por exemplo, em relação

6. No volume *Uma aventura na Amazônia* existe mesmo, no final, um capítulo intitulado “O que é real nesta aventura” (p. 211), onde se apresenta um conjunto de informações sobre esse vasto território e algumas das suas características.

aos rios da região Amazônica, menciona-se o Rio Amazonas, apresentando-o como o maior rio do mundo, com mais de 6000 quilômetros e que pode chegar aos 40 km de largura (*Bia & Fred...*, p.48), o rio Juma (afluente do rio Negro e nome de uma tribo de índios, p.39) e os rios Negro e Solimões. Aliás, o encontro das águas destes dois rios, bem como a explicação para o fato de as águas não se juntarem, é referido em todos os livros em análise (a título de exemplo, *Bia & Fred...*, p.11; *Uma aventura...*, p.44).

É pertinente destacar que os três livros contribuem ainda para uma reflexão, esta de acordo com linhas temáticas mais atuais, sobre a questão de a Amazônia estar em risco, por diversos motivos: em *Bia & Fred...*, os leitores ficam a saber pelas personagens que, desde a década de setenta, já foram destruídos cerca de 590 quilômetros quadrados de floresta e que se tem apostado nas reservas naturais (p.83); em *Uma aventura na Amazônia* (p.38, p.160) alude-se ao fato de esta ser uma floresta muito rica devido à sua fauna e flora e, por isso, haver tantas pessoas que, norteadas pelo dinheiro, pelo lucro, tentam explorar, de forma inconsciente, este tesouro da humanidade. No livro *Bia & Fred...*, o casal Silveira, em articulação com outras figuras da narrativa, planeja incendiar o Hotel Juma e a floresta em redor para construir um *resort* de luxo enorme e assim enriquecer.

Contrastando com as intenções dos contrabandistas de animais e dos homens de negócios sem escrúpulos, é destacada no volume da coleção “Uma aventura” a forma como os índios se relacionam com este espaço imenso e soberbo, por contraste com os “estranhos”. A oposição entre os “selvagens” e a civilização é aqui problematizada, na medida em que é a civilização que surge como elemento agressor face a uma natureza que, pela sua singularidade e valor, merece ser preservada.

Os índios só caçam e pescam para comer, não prendem os animais.[...] Eles sabem que quando aparece gente de fora, estão tramados. Quem chega em geral destrói tudo. Uns querem árvores para vender e não hesitam em cortar árvores sagradas, outros querem-lhes ficar com as terras para criar gado e não hesitam em lhes queimar as casas, expulsá-los ou, se for preciso, matá-los. (*Uma Aventura...*, p.175).

Como aponta Hourihan (1997, p.141), “[...] the concepts of ‘savage’ and ‘civilized’ can have meaning only in relation to each other, but those meanings are shifting and unstable, dependent of the viewpoints of the narrator, the protagonists

and antagonists, and the reader or audience”⁷. No caso em análise, verifica-se que o narrador assume uma posição favorável, de forma inequívoca, em relação aos índios, cuja ação contrasta com a forma predadora como a “gente de fora” — mas distinta simultaneamente do próprio narrador e dos jovens protagonistas — atua perante as riquezas da selva amazônica. O leitor é assim confrontado perante vários “Outros”, valorizados de forma diferente na narrativa: o outro-índio, perfeitamente integrado no meio ambiente e perspectivado de forma positiva, e o outro-civilizado, exterior àquele espaço e agindo de forma considerada desadequada e mesmo “selvagem” (em contraciclo com o que seria esperado/desejado) perante a abundância oferecida por aquele território.

A comida deliciosa

O tema da comida surge com bastante frequência nos livros para os mais novos e pode constituir um veículo e um pretexto privilegiado para se concretizar o contato com outras culturas. Em relação à gastronomia, notamos que as narrativas em análise oferecem imagens muito positivas. Com efeito, são numerosas as referências essencialmente a pratos típicos como o tacacá, “um caldo de carnes adubado com tapioca, pimenta, alho, sal e limão” (*Perdidos...*, p.36), casquinho de muçã (“É muito bom. É um assado com caldo de tartaruga”, *idem*, p.37). Curiosamente, os protagonistas estão sempre com fome (“Agora chega de conversa — interrompeu o Baldas. — Vamos mas é comer. ‘Tou cá com uma traça. Não era o único.’”, *idem*, p.94), o que ajuda na hora de experimentar alimentos que não são propriamente familiares e que podem causar, no início, alguma estranheza.

No entanto, no que se reporta à comida brasileira, as opiniões são unânimes em considerar todos os alimentos experimentados como iguarias. Em *Perdidos...*, um dos protagonistas exclama: “Não me perguntem o que comemos. Ainda hoje estou para saber. Mas que tudo estava uma maravilha, lá isso estava” (p.94).

No livro *Uma aventura...*, os heróis, para além de provarem panquecas e milho, sopa de abóbora com carne seca, doce de leite com castanha da Amazônia (p.27), comem “pirarucu na brasa” (p.27), o que, por notória rima do nome da iguaria com um vocábulo português (da linguagem popular), é motivo de riso. No final, acham,

7. Versão livre: “[...] os conceitos de ‘selvagem’ e de ‘civilizado’ podem ter significado apenas em relação um com o outro, mas esses significados estão em movimento e são instáveis, e dependem do ponto de vista do narrador, dos protagonistas e dos antagonistas, do leitor e do público”. Nota da revisão.

no entanto, o peixe saborosíssimo (p.28). Os heróis bebem “água de coco” (p.62), sumo de maracujá com manga, guaraná (p.72), comem chocolates recheados de bacuri (p.72), “frutos exóticos enormes” (p.70), “sumarentos, saborosos, outros secos e deliciosos” (p.124), ainda que se refira que “[...] eles nunca tinham visto nem provado, mas que a fome tornava divinais” (p.124), castanhas da terra ensopadas em mel e uma bebida com sabor a chocolate por ser feita à base de cacau (p.140), servida em folhas árvores muito rijas.

Por contraste, o livro *Bia & Fred...* não faz uma única referência gastronômica ao longo das cento e vinte e oito páginas da narrativa: menciona apenas que os protagonistas tomam as refeições (fala-se sobretudo do café da manhã) e que o Fred come tudo o que existe sobre a mesa. Os leitores ficam, no entanto, sem saber o que os dois jovens comem.

A Amazônia cultural

Ao longo das narrativas em análise são referidos diversos monumentos da região da Amazônia, como é o caso do Teatro Amazonas, em Manaus, considerado uma “[...] grandiosa ópera de estilo renascentista italiano, que os ricos barões da borracha ergueram no centro da cidade em 1896, para ali poderem ouvir cantar Caruso” (*Perdidos...*, p.48), um dos *ex-libris* da cidade, com “peças de ferro forjado e várias colunas de mármore”, um “átrio fenomenal”, uma “sala nobre [...] monumental” (*Bia & Fred...*, p.106), destacando-se o chão feito de madeiras preciosas da Amazônia, os animais exóticos pintados nas paredes da sala (*Uma Aventura...*, p.37). Outros monumentos, como a Catedral de Nossa Senhora do Carmo, em Parintins (p.62), o mercado municipal Adolfo Lisboa (p.101) na mesma cidade, descrito como um “edifício enorme, com uns portões de ferro gigantes”, parecido com o palácio francês *Les Halles* (p.101) são referidos em *Bia & Fred na Amazônia*. Tal como em relação ao espaço natural, o espaço edificado é descrito com pormenor, em que a adjetivação frequente procura dar ao jovem leitor uma imagem tanto quanto possível fidedigna do que as personagens vão observando.

Alguns eventos da cultura amazônica são também mencionados, como é o caso do Festival de Folclore de Parintins, considerado o segundo maior acontecimento cultural, a seguir aos desfiles das escolas de samba, no Rio de Janeiro (*Bia & Fred...*, p.11), também apelidado de Bói-bumbá (p.43). Por outro lado, as lendas, como é o caso da Lenda das Amazonas (“Fala duma tribo de mulheres guerreiras muito altas e

brancas. As Amazonas geraram os Kaxuyana, que por sua vez deram origem a todas as tribos da Amazônia”, *Perdidos...*, p.59), e certas crenças são também destacadas, como acontece com a alusão ao muiraquitã, a pedra das Amazonas, considerado um talismã da sorte, e, de acordo com *Perdidos na Amazônia*, com capacidade para proteger e curar de todos os males e do Curupira, figura do folclore brasileiro, entidade que protege a floresta, descrito como um “[...] ser mágico com forma de criança e pele muito escura. Conta quem já viu que tem os cabelos cor-de-laranja, dentes verdes e os calcanhares para a frente! As suas pegadas enganam os caçadores, fazendo-os perderem-se no meio da Floresta” (*Bia & Fred...*, p.28).

Os leitores de *Uma aventura na Amazônia*, em particular, são ainda informados na parte ficcional do livro sobre alguns elementos da cultura indígena: por exemplo, o papel do Xamã e as crenças nos bons e nos maus espíritos (p.139); a forma tradicional de pesca dos índios (p.142); as crenças relacionadas com a gravidez e o parto (o retiro das mulheres grávidas e a importância do nascimento de um bebê, p.152; as superstições em relação aos gêmeos, p.196).

O Outro de além-mar

Em todos os textos analisados, os habitantes da Amazônia são sobretudo associados ao povo indígena. Através da leitura de *Uma aventura na Amazônia*, os leitores ficam a saber, por uma das personagens, que há mais de quarenta grupos de índios que nunca tiveram contatos com gente “civilizada” (p.45) e, por isso, “não sabem que se pode viver de outra maneira” (p.77). Os índios da tribo do interior da floresta com quem entram em contato são apresentados de forma realista e como “gente boa” (p.45), que quer “viver à maneira deles e em paz” (p.46).

Os índios são representados de forma tradicional, estereotipada, como acontece em *Uma aventura...*: têm o corpo pintado (com a ajuda de jenipapo e outras plantas, p.187), empunham lanças de madeira com pontas afiadas, arcos e flechas e têm as cabeças enfeitadas de plumas e penas amarelas (p.126); o chefe índio usa um colar feito de garras de onça (p.130) e o xamã tem o corpo pintado de modo a parecer uma onça, com colares e de sementes no pescoço, nos braços e na cintura, e com as mãos pintadas de vermelho (p.162). As suas cabanas são “[...] enormes, muito altas, compridas, cobertas de palha grossa de alto a baixo. Nenhuma tinha janela, todas tinham uma porta ao centro” (p.136). Fisicamente, realçam-se os “cabelos pretos muito lisos e os olhos amendoados” (p.182).

Fabício, um dos guias turísticos em *Uma aventura...*, é apresentado como sendo descendente de índio (p.34), porque é filho de um brasileiro que se apaixonou por uma índia; outra personagem, Irineu, afirma também que é filho de pai índio e mãe brasileira (p.44). Os caboclos são considerados belos e afáveis, “uma boa mistura” (p.59), como é o caso de Sueli, que “de perto ainda parecia mais bonita e mais simpática” (p.62).

Também o livro *Perdidos na Amazônia* veicula representações bastante positivas, salientando a simpatia e a amabilidade destas pessoas. O motorista do hotel, quando os protagonistas chegam à cidade, disponibiliza-se de imediato para lhes mostrar Manaus: “Meigo, simpático, o motorista tinha feições entre o índio e o europeu. Um dente de ouro faiscava-lhe na boca sempre que sorria. E sorria muito. Nunca na vida vira alguém que sorrisse tanto” (p.36). Ainda nesta narrativa de aventura e mistério, o índio Arapuá, um ativista considerado herói nacional, porque luta pela preservação da selva e das tribos da Amazônia, é caracterizado como uma “imponente figura”, “alto, muito moreno, de olhos rasgados e cabelo liso e negro” (p.49), e um alvo a abater para muitos dos que têm interesses econômicos na região.

Os empregados dos hotéis são considerados “simpatiquíssimos” (*Uma aventura...*, p.27) e Yara, a filha do guia Giraldo, em *Bia & Fred...*, é descrita como sendo uma “rapariga magra, com cabelos pretos lisos” (p.29) e “gira” (p.31). Face a esses vários elementos que fomos apontando, podemos concluir que se procura, fundamentalmente, criar um sentimento de empatia do leitor em relação aos habitantes locais. As figuras negativas, quando surgem, são sempre elementos completamente exteriores àquele espaço, com motivações obscuras, geralmente de cobiça perante as riquezas amazônicas.

A Amazônia em imagens

A ilustração, nas produções literárias de potencial recepção juvenil, não cumpre “[...] um papel determinante na percepção, na descodificação e na concretização dos sentidos explícitos e implícitos do discurso verbal” (SILVA, 2006, p.129), como acontece nas produções literárias destinadas a crianças pré-leitoras ou leitoras iniciais. No entanto, os leitores em formação apreendem pelas palavras, mas também pelas imagens, as representações que moldarão, de alguma forma, a tomada de consciência e o conhecimento social do Outro. Embora a ilustração assuma, nos livros em análise, uma posição por vezes marginal em relação ao texto (no caso do



Fig. 1. Capas dos livros analisados.

livro *Bia & Fred...*, não existem sequer ilustrações para além da existente na capa), não deixam de ser significativas as “imagens” que transmitem, na medida em que dão “corpo” às palavras, transmitindo, a seu modo, perspectivas sobre o universo narrado, mas também sobre o universo representado (TOMÉ & BASTOS, 2010).

Alguns elementos paratextuais destes livros, como é o caso das capas, são de extrema importância nesta questão da representação da Amazônia, não só porque estabelecem o primeiro contrato de leitura, mas também porque oferecem ao leitor, desde logo, um conjunto de imagens e visões desse local específico onde se desenrolará a ação, expondo assim as suas primeiras significações. Nestes livros de aventuras, as imagens transmitidas nas capas⁸ contextualizam espacialmente a ação, remetendo para a paisagem amazônica (neste sentido, a capa “ilustra” também o topônimo no título, conferindo-lhe um “conteúdo”), surgindo, para além da majestosa flora, alguns elementos representativos da fauna (neste caso papagaios e tucanos) e outros que remetem para a cultura indígena. Associando esses aspetos a uma ambiência marcada por atitudes expectantes das personagens retratadas (nos livros “Uma aventura” e “Os Super 4”), procura-se igualmente gerar alguma curiosidade para o tipo de aventura que será vivida pelos protagonistas (e também pelo leitor, através do processo de leitura).

8. Refira-se que apenas a capa dos livros destas colecções possuem uma ilustração com cor, sendo as ilustrações interiores em preto e branco.

Note-se que no caso do livro *Bia & Fred...*, opta-se por conferir preponderância aos protagonistas em relação aos restantes elementos espaciais, através da sua localização em primeiro plano na imagem, convidando a uma identificação imediata dos potenciais leitores. Com efeito, apercebemo-nos de alguns elementos relacionados com um ambiente selvático (árvores, lianas, macacos, um tucano pousado no ramo de uma árvore, uma onça ao fundo e água a cair em cascata...), mas esses ficam ofuscados por outros elementos que pertencem ao quotidiano dos adolescentes, como é o caso do telemóvel e da consola de jogos portátil que os dois jovens transportam, bem como a sua indumentária colorida, moderna e desportiva e alguns acessórios (óculos de sol, binóculos, entre outros).

Acrescente-se que o volume da coleção “Uma aventura” apresenta algumas ilustrações no interior, que transmitem diversos pormenores sobre o ambiente que envolve os protagonistas, facilitando a compreensão, por parte do leitor, da grandiosidade dessa floresta densa, virgem e rica no que à fauna e à flora diz respeito, e também apoiando a descrição física dos índios ou algumas das suas crenças religiosas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora a Amazônia seja uma região partilhada por nove países, é na parte brasileira da Amazônia que os protagonistas dessas narrativas de aventuras vivem perigos e ultrapassam obstáculos. Esta situação não se deverá apenas ao fato de a Floresta Amazônia ocupar, em maior percentagem, territórios brasileiros, mas, sobretudo, devido às ligações históricas estreitas que unem Portugal ao Brasil, e esta relação multissecular é destacada em alguns livros. Além do passado, partilha-se ainda a língua, o que contribui também para favorecer a integração dos protagonistas no novo contexto onde se desenrola a aventura.

Numa espécie de prefácio a *Bia & Fred na Amazônia*, escrito pela tia dos protagonistas, faz-se alusão às cidades com “[...] monumentos de traça portuguesa, como é o caso da igreja do Carmo na cidade de Belém, ou dos vários monumentos de Manaus” (p.11), as casas de fachadas de azulejos datadas de 1600 (p.35), a capela de S. João Batista, onde o Padre António Vieira esteve preso (p.36), destacando-se a presença portuguesa na região. Note-se esta preocupação em aproximar o desconhecido, tornando-o mais familiar aos potenciais leitores. Em *Perdidos na Amazônia*, esclarece-se também que Brás é uma “[...] pequena povoação nas margens do rio

Capucapu. Como muitas outras terras da região, Brás deve o seu nome a Francisco de Mendes Furtado, irmão do Marquês de Pombal, que rebaptizou as povoações indígenas, com nomes de localidades portuguesas” (p.60).

Por outro lado, é pertinente sublinhar que a imagem da Amazônia veiculada remete, em primeiro lugar, para a Natureza e para a sua grandiosidade. Em relação aos habitantes, julgamos que as narrativas realçam sobretudo o aspeto exótico das povoações indígenas que ali vivem, em alguns casos fazendo-se descrições estereotipadas, que cumprem os padrões do “índio” vivendo em sintonia com a natureza. Complementarmente, destaca-se o caráter afável e simpático dos habitantes da região, em nítido contraste com a “gente de fora”, como atrás se mencionou.

Algumas narrativas parecem veicular uma intenção didática, na medida em que alertam os leitores para o fato de a Floresta Amazônica estar ameaçada por perigos vários (deflorestação, tráfico de animais, entre outros). No contexto da “aldeia global” em que vivemos, tudo o que afeta o chamado “pulmão da humanidade” acaba por interferir com a vida os restantes habitantes do planeta. Neste sentido, registra-se uma preocupação ecológica nas narrativas, que, de algum modo, tentam sensibilizar os leitores para este grave problema.

No que se reporta aos hábitos alimentares da região e à referência a aspetos culturais da Amazônia, essas narrativas não exploram demasiado esta questão, mas veiculam a ideia de que a gastronomia é muito rica e saborosa. Por outro lado, transmitem, de forma respeitadora, algumas tradições e crenças indígenas, levando os leitores a tomarem consciência da diversidade cultural e religiosa existente noutras civilizações. O confronto dos leitores com outras culturas é extremamente enriquecedor, porque, como sublinha Kristeva (2007, p.19), “[...] d’autres civilisations apportent d’autres conceptions de l’être humain. [...] Car la diversité des modèles culturels est le seul gage de respect pour cette ‘humanité’, dont nous n’avons pas de définition autre que l’hospitalité [...]”⁹.

Através do contato com as imagens sociais e culturais positivas do Outro presentes nos livros, como acontece nestas narrativas de aventuras e mistério, os jovens vão adquirindo, pela leitura, novas formas de ver o mundo e de dialogar com o Outro. No entanto, as imagens culturais sobre o Outro que os jovens encontram

9. Versão livre: “[...] de outras civilizações vêm outras concepções de seres humanos. [...] a diversidade de modelos culturais é a única garantia que temos de que o respeito à “humanidade” não signifique simplesmente hospitalidade [...]”. Nota da revisão.

disponíveis em muitas produções literárias apoiam-se, frequentemente, na transmissão de visões estereotipadas, cristalizadas e não problematizadas da alteridade. As narrativas analisadas insistem numa visão exótica desse Outro, que remete para um povo concreto, real, que continua a viver, em alguns casos, muito afastado daquilo que a cultura ocidental designa por “civilização”, mas “desprezando” as povoações que já não vivem como as tribos perdidas no meio da Floresta Amazônica, e que, ainda assim, possuem formas de pensar e viver diferentes das dos leitores portugueses contemporâneos.

Creemos que a literatura juvenil pode “[...] favorecer uma reflexão sobre o diálogo de culturas e concorrer para uma educação simultaneamente literária e social, enformada por valores positivos subjacentes a esse intercâmbio” (GOMES, s.d., p.08) e, enquanto ponto de encontro privilegiado dos jovens com a diversidade de culturas, contribui, inquestionavelmente, para o conhecimento do Outro, qualquer que seja o seu contexto de vida.

REFERÊNCIAS

- BALÇA, Â. “Era uma vez...”: da Literatura Infantil à Educação para a Cidadania. In: AZEVEDO, F. et al. (org.). *Imaginário, Identidades e Margens* — Estudos em torno da Literatura Infanto-Juvenil. V. N. de Gaia: Gailivro, 2007. p.478-485.
- BLOCKEEL, F. *Literatura juvenil portuguesa contemporânea: identidade e alteridade*. Lisboa: Editorial Caminho, 2001.
- COLOMER, T. *Introducción a la literatura infantil y juvenil. Didáctica de la lengua y la literatura*. Madrid: Editorial Síntesis, 1999.
- GOMES, J. A. *Literatura para a infância e a juventude entre culturas*. s.d. Disponível em: <http://www.casadaleitura.org/portalbeta/bo/documentos/ot_JAG_intercultu_a.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2011.
- GOMES, M.; BERNARDO, N; CORRONHA, D. *Bia e Fred na Amazônia*. Lisboa: Presença, 2007.
- HOURLIHAN, M.. *Deconstructing the hero: literay theory and children's literature*. London/N. York: Routledge, 1997.
- MAGALHÃES, A. M.; ALÇADA, I. *Uma aventura na Amazônia*. Lisboa: Caminho, 2009.
- MARTINS, O. A Alteridade: conceito e representações. In: MARTINS, O. (coord.). *Portugal e o Outro: imagens e viagens*. Aveiro: Univ. de Aveiro, 2004.
- KRISTEVA, J. Diversité, c'est ma devise. *Diversité et Culture*. Paris: CulturesFrance, 2007. p.04-23.
- PINHO, A. A.; BRANCO, P. F. *Perdidos na Amazônia*. Lisboa: Presença, 1995.
- SILVA, S. R. Quando as palavras e as ilustrações andam de mãos dadas: aspectos do álbum narrativo para a infância. In: VIANA, F.; COQUET, E.; MARTINS, M. (coord.). *Leitura, Literatura Infantil e Ilustração* — 5: Investigação e Prática Docente. Braga: Um/Almedina, 2006. p.129-138.

TOMÉ, M. da C.; BASTOS, G. A Ilustração na literatura para jovens: a imagem do Outro. In: VIANA, F. L.; RAMOS, R.; COQUET, E.; MARTINS, M. (coord.). *Actas do 8.º encontro nacional — 6.º internacional de investigação em leitura, literatura infantil & ilustração*. Braga: CIEC — Centro de Estudos da Criança da Universidade do Minho, 2010, p.90-112.

Recebido em 29 de janeiro de 2013 e aprovado em 22 de março de 2013.